
Sobre vivências urbanas: Estilos de vida e práticas sociais em contexto de requalificação urbana*

*Idalina Machado***

1. Introdução

Com este artigo pretendemos, por um lado dar a conhecer, ainda que de forma sucinta, os resultados de uma pesquisa levada a cabo durante cerca de dois anos no centro histórico de Vila Nova de Gaia, o qual é marcado, simultaneamente, por uma arraigada tradição e por processos de requalificação e, por outro lado, reflectir sobre a capacidade que os agentes sociais têm de se adaptar à mudança e, conseqüentemente, de irem moldando as suas práticas sociais.

A globalização e a mundialização têm concorrido para a existência de crescentes processos de mutação que atravessam as sociedades actuais. Urge perceber de que forma as sociedades reagem e respondem a tais transformações. Hoje as cidades apresentam um tamanho e uma densidade populacional elevados e, com os processos de urbanização, modificam-se os estilos e os modos de vida, as relações sociais pautam-se cada vez mais pela superficialidade e impessoalidade, predominam a segmentação e o anonimato. É neste sentido que se fala cada vez mais na cidade actual como “mosaico de mundos sociais”, de contrastes variados. Contudo, se é verdade que as mudanças têm um papel fundamental na fragmentação, o local não perde de todo a sua importância, pois, ainda que se aponte a globalização como uma fonte de descaracterização dos locais, na medida em que implica uma mais elevada homogeneização, a verdade é que, contrariamente, se assiste a uma cada vez maior afirmação das identidades e das especificidades locais. Uma das formas de captar estas especificidades é através da análise do quotidiano (onde, quando e como os indivíduos se movimentam?) dos ritmos, das rotinas, das interacções, mas também da inovação, do inesperado. O espaço urbano não é apropriado por todos de igual modo, oscilando essas formas de apropriação entre a manutenção de traços de vivência típicos das situações não urbanizadas e as formas mais extremadas de vivência em contexto urbanizado. Conscientes de que as cidades urbanizadas induzem “uma apropriação que se faz a partir de uma multiplicidade de lugares dispersos” (Rémy; Voyé, 1994:92), procuramos centrar a atenção num espaço urbano concreto, o centro histórico de Vila Nova de Gaia (Santa Marinha), que julgamos não ter perdido a sua significação simbólica e histórica, pelo menos para os seus residentes, já que “cada grupo procura um lugar de identificação que, remetendo para a sua história particular, lhe é próprio e relativamente exclusivo” (*idem*).

2. Vivências n(d) quotidiano – breve problematização teórico-prática

2.1. Reflexões teóricas

Do ponto de vista teórico é fundamental precisar a questão “o que é a Sociologia do Quotidiano?”. Machado Pais salienta que “(...) pela via do quotidiano, ou seja, entendendo o quotidiano como significante flutuante do real social, talvez a Sociologia consiga articular duas perspectivas metodológicas nem sempre facilmente conjugáveis: i) ver a sociedade a nível dos indivíduos; ii) ver como a sociedade se traduz na vida dos indivíduos” (Pais, 1993:519). E o autor

* Este artigo resulta de um trabalho desenvolvido ao longo de dois anos, para obtenção do grau de Mestre, no âmbito do Mestrado “Sociologia: Construção Europeia e Mudança Social em Portugal”, sob orientação do Prof. Doutor João Teixeira Lopes.

** Assistente Convidada do Instituto Superior de Serviço Social do Porto

continua afirmando que o quotidiano é importante, na medida em que “é um lugar revelador, por excelência, de determinados processos de funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais”(Pais, 1986:8). Das várias correntes teóricas que se dedicaram à análise do quotidiano gostaríamos de salientar, resumidamente, algumas cujos contributos foram decisivos neste trabalho. Os interaccionistas, por exemplo, centram a sua análise na interacção, na intersubjectividade. Os indivíduos existem em interacção uns com os outros e só neste sentido é possível falar em vida quotidiana. De acordo com esta perspectiva, aquilo que importa é a subjectividade dos sujeitos, pelo que as estruturas são postas de lado. Os contributos mais conhecidos no âmbito do interaccionismo são os de Goffman para quem na realidade só interessam os aspectos mais rotineiros e teatralizados da interacção humana. Da etnometodologia salientamos Garfinkel que se preocupa com o raciocínio prático e com os modos pelos quais os participantes tornam as suas situações inteligíveis, ou seja, chegam a um senso do mundo. Já o Formalismo, sendo alguns dos seus representantes Balandier, Simmel e Javeau, encara o quotidiano como uma forma e aborda-o, tendo como pressuposto que a existência quotidiana é composta de teatralidade e superficialidade. A vida quotidiana é uma realidade carregada de simbolismo, uma condensação de instantes efémeros.

Falar em quotidiano e em práticas implica que se problematizem alguns conceitos fundamentais, tais como os de modos de vida e de estilos de vida. Salvador Juan tem-se dedicado à sua análise e afirma que é importante distingui-los, salientando que, face à crescente transformação das sociedades actuais, deixa de fazer sentido usá-los no sentido tradicional: “conjunto de atributos culturais que caracterizavam uma sociedade, um grupo ou um indivíduo” (Juan, 1995:124). A análise das práticas pode ser feita de acordo com duas perspectivas: ou como sendo algo que provém da racionalidade dos agentes sociais¹, ou como sendo um produto das estruturas sociais e do *habitus*. Quer se use uma ou outra perspectiva, o que se deve ter presente é que o conceito de modo ou estilo de vida não é mais do que a agregação das acções individuais com base numa combinação múltipla de condições sociais: classe, trajectória, idade, sexo, entre outras. Assim, para a análise das práticas é fundamental fazer uma articulação entre o actor e o sistema, tendo presente que aquele participa na criação deste e é, simultaneamente, influenciado por ele. Juan vê os indivíduos enquanto actores e não meramente como operadores práticos. Refere mesmo que “é preciso conceptualizar a existência de um actor capaz de imprimir uma certa orientação/direcção, de organizar o que faz”(Juan, 1991:34). Isto significa que os sujeitos são actores que participam na execução das suas práticas e da sua situação social.

Na procura da compreensão da realidade e dos fenómenos sociais, a teoria social tem-se debatido em torno de perspectivas dicotomizantes, umas enfatizando os aspectos mais estruturais e objectivos, outras realçando as dimensões mais individuais e subjectivas. Consequentemente, e como forma de ultrapassar estas dicotomias, não poderíamos deixar de recorrer às teorizações de Bourdieu (Teoria da Prática) e Giddens (Teoria da Estruturação), as quais constituem verdadeiras teorias de síntese. A Bourdieu fomos buscar importância que atribui às práticas sociais, salientando que elas não são, ou não devem ser, encaradas como o resultado de regularidades já codificadas, mas também não podem ser vistas como algo que é realizado devido a uma livre e consciente escolha do agente. E é justamente para mostrar que as práticas sociais são produto da interiorização das condições objectivas e não uma livre escolha dos agentes, embora sem se falar num qualquer tipo de relação mecânica, que o autor introduz o conceito de *habitus*, conceito este que funciona como um mediador entre as práticas e as condições objectivas, consistindo num saber prático interiorizado e fundamental para o desencadear da acção, dado que se constitui como uma matriz de percepção e avaliação através da qual os indivíduos agem. Esta acção, devido à interiorização da exterioridade que se reveste em *habitus*, não é mais do que uma exteriorização da interioridade contribuindo para a reprodução das condições objectivas de existência. Ainda que

¹ Esta perspectiva reenvia-nos para alguns dos pressupostos já abordados, nomeadamente quando apresentamos algumas correntes que se dedicaram à análise do quotidiano através da recuperação do indivíduo e da sua racionalidade.

enfatizando sobretudo a reprodução, Bourdieu não afasta totalmente a hipótese de mudança e salienta que o *habitus*, sendo “o produto da história, é um sistema de disposições aberto, incessantemente confrontado com novas experiências e portanto incessantemente afectado por elas. É durável mas não é imutável”(Bourdieu, 1992:108-109). De Giddens retivemos a importância da dualidade da estrutura que significa a existência de uma interdependência entre esta e o actor: as propriedades estruturais são, ao mesmo tempo, produto e condição da estrutura. Neste sentido as práticas dos actores não são meras reproduções dado serem recursivas, ou seja, através das suas actividades, os seres humanos recriam as condições que tornaram possíveis essas mesmas actividades (Giddens, 1989:2). As actividades sociais humanas não são criadas pelos actores sociais mas sim continuamente recriadas por eles. Assim, nas suas actividades e através delas, os actores reproduzem as condições que tornam possíveis essas actividades. Paralelamente, a continuidade das práticas presume reflexividade e esta só é possível devido àquela. A reflexividade não é mais do que considerar que o actor é um “ser intencional que tem razões para as suas actividades e está apto a elaborar discursivamente essas razões” (*idem*).

2.2. Algumas notas sobre o modelo de análise e as estratégias de pesquisa

Centrando a atenção no indivíduo e nas suas acções, torna-se imperioso operacionalizar o conceito de prática social e, para tal, partimos de alguns estudos efectuados nesta área². Dessa reflexão resultou um esquema de classificação das práticas, salientando a dimensão espacial de realização das mesmas: espaço doméstico e espaços públicos e semipúblico. Assim, distinguimos entre práticas de rotina e práticas de lazer, cabendo nestas últimas as de carácter expressivo, receptivo, participativo e criativo.³ Do ponto de vista metodológico, e dado o carácter relacional do objecto de estudo, fazia todo o sentido utilizar uma estratégia de articulação de diferentes técnicas de recolha de informação. Assim, optamos por aplicar um inquérito⁴ a uma amostra da população, na medida em que permitia captar as dimensões mais concretas da acção de uma forma relativamente exaustiva. Mas, e porque a capacidade reflexiva dos actores era também importante, para a captar recorreremos a um conjunto de entrevistas⁵. Com as entrevistas colmataram-se algumas insuficiências do inquérito, bem como se tornou possível operar a um nível de profundidade que conduz aos domínios mais significantes da acção humana. Complementarmente, e porque a percepção dos ritmos do quotidiano implica um contacto mais directo com os protagonistas da acção, realizamos também uma observação directa com elaboração de um diário de campo.

3. Usos do tempo e do espaço em Santa Marinha

3.1. Contexto de análise: Breve retrato

Situado em Santa Marinha, o centro histórico de Vila Nova de Gaia, viveu durante séculos das actividades ligadas ao rio. O período de maior crescimento coincidiu com o florescimento do negócio do Vinho do Porto (sobretudo a partir do século XIX), o qual trouxe consigo o desenvolvimento de um conjunto de outras actividades, como a tanoaria, a cerâmica, a cortiça e o vidro, entre outras. Dado o intenso movimento fluvial, associado em parte àquele negócio, foi criado um entreposto comercial (Cais de Gaia), actualmente transformado numa ampla zona de

² Destes estudos podemos salientar o de João Teixeira Lopes, *A Cidade e a Cultura*, Porto, Afrontamento, 2000 e o de Virgílio Borges Pereira, *Os Vincados Padrões do Tecido Social*, Porto, Afrontamento, 1999, pp.215-217.

³ Dadas as limitações em termos de dimensão do artigo, não podemos fazer uma apresentação mais exaustiva das práticas consideradas para a abordagem do quotidiano dos agentes sociais.

⁴ Foram aplicados 172 inquéritos, tendo sido recolhida informação para todos os membros do agregado doméstico, perfazendo um total de 518 indivíduos.

⁵ As entrevistas foram realizadas a dois tipos de agentes: os sociais (seleccionados a partir dos inquéritos) e os institucionais (representantes de instituições locais).

lazer ao abrigo do Programa Polis. Este programa, para além da requalificação territorial (presente na renovação dos espaços públicos), inclui uma vertente de requalificação social (que prevê a erradicação das «ilhas», a recuperação de algumas habitações o realojamento da população). Tal como uma boa parte dos centros históricos, também o de Vila Nova de Gaia se pauta pela degradação urbana, visível nas más condições de habitabilidade das casas e no abandono dos edifícios, pelo envelhecimento populacional, pela concentração de agentes com poucos recursos (culturais, económicos, sociais e simbólicos), traduzidos pelos baixos níveis de escolaridade, pelas inserções precoces no mercado de trabalho em profissões desqualificadas e de baixos rendimentos, e pelo leque restrito de relacionamentos.⁶

3.2. Dimensões do espaço social

A abordagem do quotidiano, como vimos, implica falar em protagonistas e, conseqüentemente, uma breve referência a algumas características sócio-demográfica dos mesmos foi efectuada no final do ponto anterior. Porém, e para melhor perceber os usos do tempo e do espaço em Santa Marinha, não poderíamos deixar de fazer uma leitura do espaço social, sobretudo no que concerne as trajectórias sociais. Embora o nosso trabalho não constituísse um estudo de abordagem das classes sociais, uma referência a esta dimensão tornava-se necessária pois, como salienta Bourdieu, os *habitus* de classe são reproduzidos e constituem a base para a realização das práticas. Os dados obtidos permitem, não só fazer a leitura da composição de classes dos inquiridos, como, inclusivamente, dos agregados, e ainda das trajectórias de mobilidade intergeracional. Nas palavras de Firmino da Costa, e realçando o que já dissemos, “As práticas sociais são produzidas por pessoas e por grupos de pessoas. O que os agentes sociais pensam, dizem e fazem depende em grande medida [...] de um conjunto de propriedades sociais que os caracterizam e que os situam, uns em relação aos outros, em posições distintas, com desiguais poderes e recursos, oportunidades e disposições. As configurações relacionais de lugares sociais diferenciados e as distribuições dos indivíduos por eles podem, por sua vez, ser encaradas como a tradução, no plano da composição social da população, das estruturas sociais e das suas transformações” (Costa, 1999:210). Logo, perceber a composição do espaço social em termos classistas permite captar as diferenças em termos de práticas sociais e a posse de recursos diferenciados que fazem a distinção social. Como indica o **Quadro 1**, em termos de classe de família ao nível dos inquiridos, e igualmente para o total de agentes, há um forte peso de duas fracções de classe⁷: PBE com 24,4% e o OI com 19,8%. E estes valores disparam, invertendo agora as prioridades, pois ao adicionarmos ao segundo o OP, ficamos com 33,8% de inquiridos pertencentes ao operariado, e ao aliarmos à primeira a PBEP, passamos a ter 29,1% na classe da PBE.

⁶ Dos dados recolhido via inquérito, e que permitiram caracterizar 518 indivíduos, sobressaem os seguintes resultados: 17,4% tem mais de 65 anos; predomina o 1º ciclo do ensino básico – 41,3%; 36,0% dos inquiridos com idades entre os 15 e os 24 anos encontra-se já a exercer uma actividade profissional, tendo completado apenas a escolaridade obrigatória, ou menos até; 18,0% dos agentes são trabalhadores em actividades desqualificadas.

⁷ As siglas apresentadas para definir os lugares de classe têm a seguinte tradução: PBE (pequena burguesia de execução); OI (operariado industrial); OP (operariado pluriactivo); PBEP (pequena burguesia de execução pluriactiva); OA (operariado agrícola); OIA (operariado industrial e agrícola); PBTEI (pequena burguesia técnica e de enquadramento intermédio); PBIC (pequena burguesia intelectual e científica).

Quadro 1. Lugares de classe de Família

	Inquiridos por LCF*		Total de Homens		Total de Mulheres		Total de Agentes	
	N	%	N	%	N	%	N	%
BEP	3	1,7	6	2,2	5	2,0	11	2,1
BP	2	1,2	4	1,5	2	0,8	6	1,2
BD	1	0,6			1	0,4	1	0,2
PBIC	3	1,7	6	2,2	6	2,4	12	2,3
PBTEI	16	9,3	37	13,7	17	6,9	54	10,4
PBIP	20	11,6	26	9,6	26	10,5	52	10,0
PBPA	15	8,7	25	9,2	21	8,5	46	8,9
PBAP	1	0,6	1	0,4	1	0,4	2	0,4
PBE	42	24,4	65	24,0	72	29,1	137	26,4
PBEP	8	4,7	12	4,4	10	4,0	22	4,2
OI	34	19,8	51	18,8	41	16,6	92	17,8
OP	24	14,0	37	13,7	37	15,0	74	14,3
Ns/nr	3	1,7	1	0,4	8	3,2	9	1,7
Total	172	100	271	100	247	100	518	100

Fonte: ISM

* Lugar de classe de família

Uma análise dos lugares de classe de origem⁸ dos inquiridos permite aferir a existência de padrões de reprodução social, ou seja, cruzando o actual lugar de classe de família do inquirido com o lugar de classe de origem do mesmo podem estudar-se as trajectórias de mobilidade intergeracional.

Quadro 2. Origens Sociais

	Lugar de classe de origem															
	BEP	BP	BD	PBIC	PBTEI	PBIP	PBA	PBPA	PBAP	PBE	PBEP	OA	OI	OIA	OP	Ns/nr
BEP	33,3															
BP		50,0														
BD			100,0													
PBIC				33,3												
PBTEI	6,3				31,3	6,3								18,8		18,8
PBIP						5,0	10,0	15,0	5,0	5,0				20,0	20,0	15,0
PBPA								6,7						13,3	20,0	13,3
PBAP									100,0							
PBE										2,4	7,1	9,5	2,4	7,1	19,0	7,1
PBEP																
OI																
OP																
Ns/nr																
Total	1,7	0,6	0,6	0,6	5,8	8,7	5,2	10,5	0,6	7,6	4,7	7,6	29,1	1,7	11,6	3,5

Fonte: ISM (n = 172)

O **Quadro 2** demonstra este cruzamento e permite-nos avaliar da existência ou não de situações de mobilidade. Os valores a negro representam as situações de reprodução social: é ao nível

⁸ O processo de construção dos lugares de classe de origem foi semelhante ao utilizado para a construção dos lugares de classe de família – cruzando a informação relativa à profissão e situação na profissão do pai e da mãe de *ego*, encontra-se a posição social em termos de classe de origem.

do OI que a reprodução é mais acentuada: 44,1% das famílias têm origem na mesma classe. Também as famílias de OP provêm, sobretudo, de famílias de OI (41,7%), embora a reprodução social seja considerável (20,8%). No que concerne a PBE, ora a reprodução é evidente, ora a proveniência da classe do OI é ainda mais acentuada. Assim, 19% das famílias da PBE são oriundas da mesma classe, enquanto 26,2% têm origem no OI, 4,8% no OA, 7,1% no OP e 2,4% no OIA, ou seja, 40,5% da PBE local tem as suas raízes nas diferentes fracções do operariado. Se atentarmos ao facto de que a PBE local se distribui, essencialmente, pelas profissões não qualificadas dos serviços e do comércio, parece inquestionável que seria abusivo falar em trajectórias de mobilidade social ascendente. Ao nível das classes mais favorecidas, concretamente a burguesia e a pequena burguesia técnica e de enquadramento, há, por um lado, a existência de situações de reprodução e, por outro lado, processos de mobilidade ascendente. Dado o reduzido número de famílias deste género a leitura dos dados torna-se menos viável, contudo, e referenciando a PBTEI, quantitativamente mais expressiva que a PBIC, esta apresenta um forte peso de reprodução social, pois 31,3% tem origem na mesma fracção, mas, simultaneamente, é do operariado que provêm 37,6% dessas famílias. Assim, e em termos de lugares de classe e trajectórias sociais, a presença considerável de fracções ligadas ao operariado e à pequena burguesia de execução e a tendência para a reprodução social constituem factores de compreensão da maior expressão de determinadas práticas sociais.

3.3. Breve análise das práticas em espaço público, semipúblico e doméstico – o forte peso das práticas de sociabilidade expressivas e da sua dimensão local

De tudo o que poderíamos referir sobre o quotidiano dos agentes sociais neste centro histórico, elegemos três aspectos que traduzem, justamente, a importância que o lugar continua a ter num mundo cada vez mais globalizado e a capacidade de adaptação desses agentes à mudança: a dimensão das sociabilidades locais traduzida na importância das redes de vizinhança; os espaços locais, públicos e semipúblicos, enquanto cenários privilegiados de interacção; a percepção face à requalificação, que traduz a consolidação da identidade local e as estratégias de adaptação.

Sendo o centro histórico de Vila Nova de Gaia marcado pela permanência dos seus habitantes (que aqui residem há muitos anos), as sociabilidades, que designam a constante possibilidade de interacção, constituem um marco fundamental, um elemento estruturador do quotidiano dos agentes, pois constatamos que a dimensão local das mesmas, bem como a sua relativa intensidade, continuam a persistir e servem, pensamos poder afirmá-lo, de ponto de ancoragem, de segurança face às constantes mudanças. Esta forte concentração das redes de amizade em torno dos vizinhos indicia estarmos perante uma malha social apertada e fechada. O interconhecimento funciona, neste contexto, como fonte de segurança e de referência. Na verdade, o estranho é logo detectado e face a ele, diversas são as reservas. A rua, o quarteirão, o bairro, funcionam aqui como verdadeiros *quadros de interacção* (*idem*:296), na medida em que permitem “a formação de sistemas de relações sociais, relativamente integrados e delimitados, assentando na interacção em co-presença directa” (*idem*). A presença de elementos estranhos, sobretudo quando estes representam valores, padrões culturais e comportamentos diferentes, constitui um factor desestabilizador, gerador de inseguranças, de ruptura com o que é familiar. Esta dimensão localizada das relações sociais representa, também, uma forma de apropriação do espaço, já que os vizinhos que se conhecem há muitos anos funcionam como a referência. O interconhecimento tem, neste contexto, um papel fundamental, pois permite aos agentes sentirem que dominam o ambiente. Este profundo interconhecimento as interacções localizadas permitem-nos realçar alguns dos espaços locais, tais como as pequenas mercearias e os cafés, que funcionam como cenários privilegiados sociabilidades e de estabelecimento de contactos. As mercearias tradicionais e os pequenos cafés, alguns em jeito de tasca, proliferam em Santa Marinha, e constituem elementos fundamentais no quotidiano dos inquiridos. A ida à mercearia local é prática corrente, o mesmo se passando com a ida ao café. Estes espaços de carácter semipúblico são também, e sobretudo, espaços privilegiados de interacção. Nas nossas incursões pelo terreno constatamos que estas pequenas mercearias estão abertas todo o dia, inclusivamente ao fim de semana, e que “os clientes habituais são residentes da área, pois todos se conheciam pelo nome e conversavam animadamente de um tudo pouco” (excerto do Diário de Campo). A provar esta centralidade das pequenas mercearias enquanto

espaços de interacção, está também a persistência de um hábito tradicional – “vender fiado”. É o elevado grau de interconhecimento e o facto de a relação que estabelece entre vendedor-cliente se mais do que isso que permite manter esse hábito tradicional. Também os cafés e pequenas tascas constituem, especialmente para os homens, espaços de interacção, não só ao final do dia, quando regressam do trabalho, mas também ao fim de semana. E são ainda as associações locais, ainda que a frequência de associações não seja muito expressiva, que representam a possibilidade de conviver, de encontrar os amigos e de desenvolver práticas de natureza criativa, por exemplo. Para além disso, são também algumas das associações locais que, representando a freguesia nas festas (Rusgas de S. João, S. Gonçalo) contribuem para (re) criação da identidade local e o reforço dos vínculos à área. Assim, os espaços de carácter público e semi público constituem verdadeiros cenários de interacção: aqui se cruzam os conhecidos, se trocam palavras, mais ou menos demoradas, se convive. E nem mesmo as situações de conflito, que também existem, constituem rupturas. São parte integrante da própria interacção que se estabelece.

3.4. Notas sobre a requalificação

O processo de requalificação no âmbito do Programa Polis, ao implicar transformações, vai afectar a memória colectiva. A percepção dos agentes sociais face às mudanças que a sua área de residência tem vindo a sofrer oscilam entre a valorização das alterações, que constituem fontes de modernização, e a desvalorização, por não serem direccionados à população e destruírem elementos físicos e simbólicos da freguesia, afectando a memória colectiva dos agentes. Se os conhecimentos que os agentes têm do passado influem sobre o presente, e se os factos presentes se reflectem na leitura que fazem do passado, então, a forma como os agentes representam a zona onde vivem no momento actual inclui frequentemente, o recurso às memórias do passado. O recurso às memórias de infância e juventude funciona como uma forma de mediação entre aquilo que a freguesia foi e aquilo que é. Esta necessidade de localizar o discurso num momento do ciclo de vida permite consolidar a própria identificação com a área de residência, com a freguesia, ou seja, reforça a identidade local. A requalificação dos espaços não significa que todos os residentes deles usufruam, até porque, e como tivemos oportunidade de observar pelas incursões no terreno, as vivências locais centram-se muito mais na rua, no quarteirão, no bairro. Aquilo a que chamam as “Docas de Gaia”, é sobretudo usufruído por quem vem de fora, embora os jovens façam uso desse espaço para as suas brincadeiras e convívio.

4. Conclusão – Sobre vivências urbanas: Leitura integrada dos estilos de vida e das práticas sociais

Ao intitularmos este artigo *Sobre Vivências Urbanas* tínhamos como objectivo traçar um retrato dos estilos de vida e práticas sociais no centro histórico de Vila Nova de Gaia. Retrato sobre vivências num território que, sujeito a processos de requalificação e modernização, ainda mantém traços de alguma tradicionalidade visíveis, por exemplo, no profundo interconhecimento e na valorização de redes de sociabilidade localizadas, e retrato de (sobre) vivências urbanas, pois a fragmentação espacial e social é aqui bem visível porquanto a degradação urbana e o crescente envelhecimento populacional reflectem a pouca atractividade que este espaço tem para os grupos sociais mais favorecidos, concentrando-se nele aqueles que por falta de recursos e capitais não podem proceder a verdadeiras escolhas.

Num contexto com forte ligações ao operariado e à pequena burguesia de execução, marcadamente envelhecido, pouco escolarizado, onde as inserções no mercado de trabalho são precoces e em actividades pouco qualificadas, as fragilidades sociais são evidentes. Do quotidiano dos agentes sobressaem alguns aspectos que permitem afirmar que o local não perdeu importância e que representa um elemento fundamental para a consolidação e afirmação da identidade: são a rua, o bairro, o café, a mercearia, que funcionam como eixos estruturantes desse quotidiano, promovem o interconhecimento e minimizam o risco e a insegurança que representa viver num mundo cada vez mais globalizado. Como tal, a vida na cidade não tem de representar, necessariamente, o isolamento. Em Santa Marinha, não só as sociabilidades são localizadas, como também o é todo um conjunto de

outras práticas, o que representa alguma proximidade em termos de estilos de vida e constitui um importante factor de consolidação da identidade. E são os momentos de excesso, de ruptura com a rotina, presentes nas festas (rusgas de S. João, S. Gonçalo, festa de Santa Marinha), e a evocação da memória para avaliar a requalificação, que melhor expressam essa identidade local. A partilha do mesmo espaço, de condições socioeconómicas e tomadas de posição semelhantes, permitem falar na existência de reprodução social, embora, e sobretudo ao nível dos mais jovens, haja um crescente processo de adaptação à mudança que traduz a reflexividade dos agentes e a sua capacidade para efectuar escolhas. Assim, se é verdade de há uma certa homogeneidade ao nível das práticas, a intensidade com que são realizadas varia, bem como o significado que adquirem varia.

Bibliografia

- BOURDIEU, P. (1992) - *Réponses*, Paris, Ed. du Seuil.
- BOURDIEU, P. (1997) - *Razões Práticas*, Oeiras, Celta Editora.
- CORDEIRO, G.; BAPTISTA, L.; Costa, A.F. (orgs.) (2003) - *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora.
- COSTA, A.F. (1999) - *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta.
- GIDDENS, A. (1989) - *A Constituição da Sociedade*, S. Paulo, Martins Fontes Ed.
- GIDDENS, A. (1997) - *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- GIDDENS, A. (2000) - *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- JUAN, S. (1991) - *Sociologie des Genres de Vie*, Paris, PUF.
- JUAN, S. (1995) - “Os níveis de análise sociológica dos sistemas de representações e práticas”, *Sociedade e Território*, n.º 21, pp.124-131.
- LOPES, J.T. (2000) - “Itinerário teórico em torno da produção dos fenómenos simbólicos”, *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n.º 10, pp. 27-78.
- PAIS, J.M. (1986), “Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana”, *Análise Social*, vol. XXII, n.º 1, pp.7-51.
- PAIS, J.M. (1993) - “A contextualização sociológica pela via do quotidiano”, in *Actas do II Congresso Português de Sociologia*, vol.II, Lisboa, APS/Fragmentos, p.519.
- RÉMY, J.; VOYÉ, L. (1994) - *A Cidade: Rumo a uma Nova Definição?*, Porto, Afrontamento.